

### **Em apenas um dia**

Depois de uma semana intensa no programa de residência que me apresentou novos espaços e pessoas, resolvi sair no meu segundo domingo na cidade do Rio de Janeiro e direcionei o meu corpo para a Floresta da Tijuca. Eu precisava sentir sua energia, ouvir os sons, tocar suas plantas, caminhar no ritmo vagaroso entre suas trilhas guiada pelos instintos. Eu carecia daquele lugar e do lugar de aprendiz em que a floresta delicadamente se reforçava no meu ser. Como eu sou feita de cachoeira, minhas emoções se movimentaram feito água, que do olho d'água borbulha, aflora conquistando espaço, contorna obstáculos, até expandir e encontrar o ponto de equilíbrio e de evasão.

Desci Santa Tereza em direção à Floresta da Tijuca embriagada de tanta emoção que por um instante senti a presença da minha avó do meu lado, caminhando de mãos dadas comigo, igualzinha fazia quando nós íamos para mato colher caju e catar licuri, em Acupe, na Bahia. Era com uma mão na minha e a outra com facão abrindo e limpando o caminho. Sempre ensinando e apontando o lugar que eu devia pisar e de qual maneira pisar, nunca com muita força, mas sim, com leveza e respeito à morada de outros bichos e seres. Ela me ensinava a cada gesto e olhar a ser gentil e amável com a natureza que permite a nós o direito à vida, dotada de plenitude. Tanto que rememorei o provérbio africano que ela sempre falava, o qual diz: “nenhuma árvore grande chegou ao tamanho que está sem antes ter sido semente”. E sendo semente (aprendiz), segui...

Neste dia, ao sair da confluência de sons que habita nas encruzilhadas da cidade me permitir ao adentrar a floresta, entrar no transe poético e ancestral, sentir que estava numa experiência dançante. Sendo embalada pelo som dos atabaques, pelo cântico rezado, uma sinfonia composta e entrelaçada pelos encantos dos tempos, dos ventos, das correntezas que fortes e frias ecoavam o canto de Mameto Dandalunda, uma playlist composta, exclusivamente, para alimentar e estabelecer o equilíbrio do meu orí, que constantemente esteve imerso no turbilhão de estímulos que adoecem, se embaraça em raízes que não são da cura.

Sentindo-me em processo de cura comecei a caminhar, a reparar nos detalhes das folhas, suas cores e formatos, nos troncos grossos, altos e nas suas cicatrizes desenhadas pelo tempo e pelas escritas humanas, estas datadas e com nomes. Havia tantos corações tracejados que parecia impossível não imaginar as juras de amor atrelada a subjetividade do “que seja eterno enquanto dure”.

---

<sup>1</sup> Urbanista, Mestra em Estudos Territoriais, ambas as formações pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB. Contato: urbanista.tst@gmail.com

Voltando para as belezas que preenchiam meus olhos, pude notar as escritas da floresta e como o cruzamento das mais variadas espécies de árvores, as faixas de terras e as camadas de folhas secas formam uma aquarela de tons quentes que se misturavam como num caleidoscópio que muda a cada movimento. Não sei se consigo exportar adequadamente o espiralar desta experiência que funcionou para mim como um ebó que alimenta o sagrado e que nos fortalece, mas espero relatar de forma simples e profunda. Até porque narrar sobre esta experiência exige de mim algumas travessias pelas dificuldades que estão imbricadas no processo de autopercepção e do despir-se diante de mim e do outro.

Rompido o silêncio, regozizei de felicidade quando perto de uma cachoeira ouvi o ritmo cabila soar da floresta como se estivesse um atabaque sendo tocado para os inkesses, moradores sagrados deste habitat que guarda os elementos que curam e que purificam. Tanto que por todo canto, havia ebó arriado, territorializando e demarcando práticas ancestrais na diáspora africana.

Ao flunar entre estas energias pude perceber, meio que de supetão, a dança de Dandalunda na cascata de água que linda refletia o brilho, o volume, o movimento e a transformação. Bebi da sua água sagrada, também líquido amniótico, desejando a dissolução da insegurança, da culpa, dos medos, das memórias traumáticas, ao mesmo tempo em que, delicadamente cantei a restauração das minhas fertilidades e a abertura do meu portal criativo.

Depois de horas nesta imersão, chegou o momento de retornar para Vila Laurinda, mas ainda no caminho, nas proximidades na curva do S, fui atravessada por uma mulher preta que estava na companhia de três crianças. A criança que parecia ter 12 anos empurrava o carro cheio de garrafas cheias de água, mas pela sua expressão, aquilo não era só água, era estratégia de sobrevivência, garantia do banho. A mãe levava na cabeça forrada com lenço, sobre a rodilha de pano, um garrafão de 20 litros equilibrado pelo instinto materno, já que a sua mão esquerda segurava a mão da outra criança que carregava bem próximo ao seu corpo tão pequeno uma garrafa de 2 litros. A terceira criança, uma menina que usava um vestido rosa com mangas cumpridas, segurava duas sacolas plásticas uma com garrafas menores com água e a outra com algo que parecia banana. Ela caminhava no ritmo apressado, obrigando o seu corpo ainda em desenvolvimento, ser resistente e rápido.

Por alguns minutos me reencontrei naquela menina, revivi parte da minha infância que também foi marcada pela busca constante de águas na fonte do senhor Rosalvo que permitia que as pessoas abastecessem as talhas de suas casas. Para além disso, é vergonhoso perceber que a mesma dificuldade de acessar água ainda permanece de modo tão violento. Ouvir dizer que nas favelas do Rio de Janeiro a água não chega ou custa a chegar.

Na fronteira, na delimitação que separa dois territórios – floresta e cidade, há discrepância, luto, ausência, assim como existe, saberes, cuidado e tempo. O tempo

que circunda a vida de todos, o tempo que habita em mim e o tempo que cada sujeito leva para se encontrar. O que pode ser

**Em Apenas Um Dia!**